

Fundação Getúlio Vargas

**RELATÓRIO DE PESQUISA – PROJETO  
CONEXÃO LOCAL**

“Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco”

Alunos: Alice Cristófaró Bolonhês  
Pedro Sonogo de Oliveiras  
Tutora: Kate Dayana R de Abreu

São Paulo

2013

Relatório de pesquisa

Conexão local – “Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco”

## ÍNDICE

1. Apresentação do Trabalho
2. O que é o MIQCB
3. Força do movimento
4. O dia a dia de uma quebradeira
5. Movimento no MA e no PI
6. Movimento antes e depois
7. Relação do movimento com o Governo
8. Possibilidades para o MIQCB
9. Observações finais

## 1. Apresentação do trabalho

A pesquisa de campo da dupla Alice Cristóforo e Pedro Sônego de Oliveira se deu na fronteira entre o norte e o nordeste do Brasil, nos Estados do Maranhão e Piauí. A viagem começou no dia 30 de junho de 2013 na cidade de São Luis do Maranhão e terminou na mesma no dia 20 de julho de 2013. Os estudantes-pesquisadores fizeram o seguinte roteiro: São Luis (MA); Viana (MA); São Luís (MA), Esperantina (PI); Pedreiras (MA), São Luís (MA), totalizando aproximadamente 1400 km de viagem. A metodologia de pesquisa usada foi a do pesquisador conversador (Spink, Peter, 2008) - foi por meio de entrevistas presenciais e anotações em diários de campo que a dupla reuniu informações para escrever este relatório.

O objetivo do estudo de campo era vivenciar, conhecer e analisar a realidade das quebradeiras de coco babaçu em dois Estados dos quatro que estas mulheres se inserem, bem como entender como se dá a sua organização através do Movimento social por elas criado, chamado MIQCB – Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu. Uma vez que as quebradeiras são fruto de uma história rural marcada pela dominação (protagonizada especialmente por latifundiários), pela escravatura, pela desvalorização da mulher, pela ligação intensa das pessoas com a terra e também pelo descaso governamental, procurou-se observar as quebradeiras dentro do contexto da pobreza rural de maneira ampla e completa.

O Coco Babaçu nasce da palmeira Babaçu, árvore que se reproduz com extrema facilidade em solos férteis ou não, e suas florestas se estendem desde o norte do Tocantins até o norte do Maranhão, e do leste do Pará ao oeste do Piauí. As quebradeiras, por sua vez, compuseram seu modo de vida a partir dessa planta nativa e dos vários produtos que podem ser extraídos desta palmeira. Essa extração é, na maioria dos casos, uma atividade feminina e complementar, porém essencial para a família. “*Não podemos preservar a palmeira sem dizer o que ela é na nossa vida (...) ela nos dá o sustento da nossa vida*”, afirma Dijé, atual presidente do movimento. Ou seja, além de fornecer alimento, renda, matéria prima para artesanatos e ferramentas, o coco Babaçu é não só sustento, mas também marca da identidade dessas mulheres, que não são somente agricultoras rurais, são quebradeiras de coco Babaçu.

O MIQCB emerge como uma organização que representa os interesses sociais, políticos e econômicos deste grupo, dando a estas mulheres a possibilidade de serem

vistas e reconhecidas. Isto possibilita a chance de se desenvolver por meio do conhecimento e experiência que o trabalho no movimento oferece, bem como a ver o mundo além das comunidades.

Aqui se explicitará como a luta, antes relacionada com o direito à terra e ao babaçu, passou a ser uma luta pela qualidade de vida da mulher no campo. O intuito é mostrar como o MIQCB surge nesse vácuo de governo e como ele se provou uma saída para essas mulheres. Ou seja, se quer mostrar como essas mulheres conseguiram para elas mesmas uma solução, uma saída, um meio de sobreviver, e entender qual a dinâmica dessa classe que tem tantas líderes. Esse relatório busca, portanto, expor como se deu a história do movimento nas diferentes regiões visitadas em que atua e analisar os desafios futuros que essa organização enfrentará.

## **2. O “MIQCB”**

A primeira forma de organização de quebradeiras de coco se deu dentro das próprias comunidades com clubes de mães, reuniões das mulheres das comunidades rurais que eram, tanto um espaço para elas se abrirem e se divertirem, quanto para decidirem assuntos importantes dos locais em que viviam. Esse grupo foi formado basicamente para fazer contraponto aos homens que se organizavam em sindicatos, até então proibidos para as mulheres. Em um universo machista, em que a repressão e desvalorização da mulher eram corriqueiros, a luta desses encontros passou a ser inserir a mulher no contexto dos sindicatos rurais para que essas pudessem expressar também suas vontades e necessidades, que, apesar de confluir com as dos homens no que tange ao acesso à terra, destoavam muito nos assuntos relacionados a liberdade da mulher.

Pelo fato de os sindicatos serem regionais, o acesso das mulheres à essas organizações permitiu o diálogo entre lideranças femininas de comunidades diferentes, que antes era extremamente difícil devido às longas distâncias e ao pouco acesso aos meios de transporte. Os sindicatos, portanto, foram a plataforma responsável pela interação e pela integração desses diferentes clubes de mulheres que, apesar de estarem geograficamente separadas, se aproximavam muito em suas opiniões, já que debatiam os mesmos temas e tinham condições de vida extremamente similares. Neste ponto, começaram a surgir organizações informais regionais, que

tinham em sua essência o debate que conscientiza as mulheres do campo de suas realidades e as apresenta a efemeridade da posição social que ocupam, e a existência de outras possibilidades pra elas mesmas.

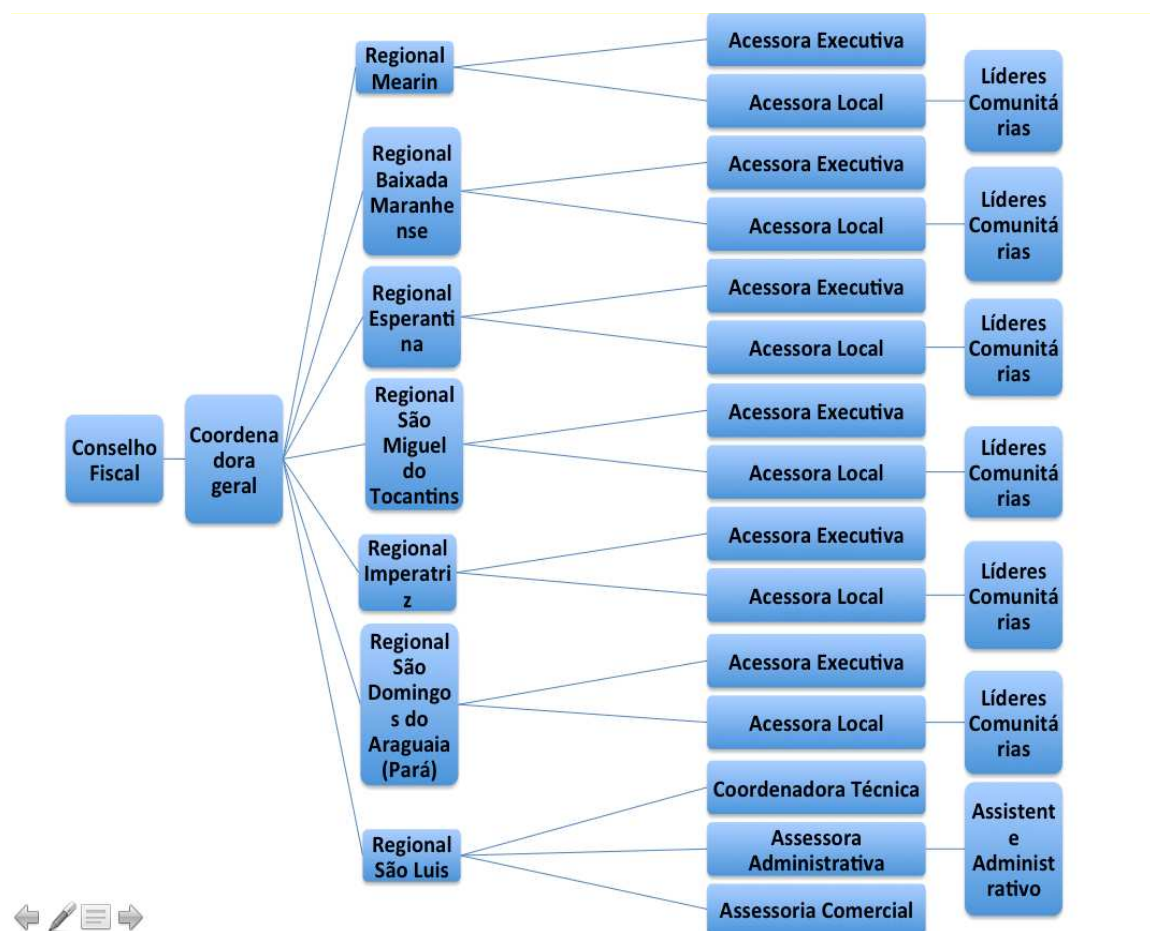
Concomitantemente, outros grupos regionais de maior porte, na forma de sindicatos de trabalhadores rurais e outras associações (ASSEMA, CENTRU) passaram a se comunicar e transmitir as mesmas demandas e ideias, de modo que se viu uma homogeneidade de temas e realidades em quatro estados (Tocantins, Pará, Maranhão e Piauí) - as mulheres quebravam coco babaçu, os maridos plantavam roça, e nenhum delas tinham posse nem podiam usufruir da terra. Em 1991, as quebradeiras, com a ajuda dessas organizações, articulam o primeiro Encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, em São Luís, cria-se a Articulação das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu. Em 1995, no III Encontro Interestadual o nome é mudado para Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu - MIQCB. Assim, foi a partir da comunicação entre grupos de mulheres dos quatro estados que o movimento toma corpo e organiza essas regiões de modo que se formaliza a figura MIQCB, sem que os entes se dissolvessem. Portanto, se cria uma organização paralela que gera sentimento de orgulho, de identidade e de grupo. Esse processo foi empoderado pela coesão regional já existente e possibilitou a coesão interestadual. Conseqüentemente se fez possível a luta de proporções quase nacionais e depois o ganho das terras, a derrocada do machismo, e a ascensão dos direitos de agricultora, de mulher, e de cidadã na realidade dessas mulheres.



**Figura 1 - Mapa das Regionais do “MIQCB” nos quatro Estados.**

A organização é financiada por meio de doações. Por ser bem organizado e articulado, o MIQCB tem conseguido grandes aportes de capitais, como o acesso a grandes doadores como Fundação Ford Brasil e Fundação do Banco do Brasil. Esse capital vai diretamente para o Fundo Babaçu, fundo do movimento que distribui esse dinheiro de acordo com as demandas de projetos que as regionais enviam. Para conseguir esse capital as regionais têm que ter projetos bem estruturados, com objetivos, formas de desenvolvimento e plano de custos definidos.

A estrutura organizacional do MIQCB está representada na figura abaixo:



**Figura 2: Organograma do MIQCB**

Em São Luís do Maranhão, cidade sede do movimento, a coordenadora geral faz a gestão da organização. Com ela trabalham uma assessora técnica, que cuida do planejamento técnico do movimento, uma assessora administrativa, uma ajudante da assessora administrativa, uma assessora comercial e uma pessoa responsável pelas contas do movimento. É lá também que o conselho fiscal faz suas reuniões. As outras

regionais, que são subordinadas à sede, contam com uma assessora executiva e uma assessora local, que recebem uma ajuda de custos para trabalhar “full time” para o movimento. As assessoras executivas geralmente trabalham muito com a comunicação das regionais com a sede e por isso viajam muito.

O histórico de parceiros do MIQCB sempre girou em torno de suas lutas. Essas pessoas e instituições tiveram papéis essenciais nessas, especialmente as relacionadas à terra e à lei do babaçu livre. Foi por meio dessas forças de apoio (Ex: Padre Ladislau no Piauí e o MST em todas regiões) que as quebradeiras atingiram o nível de influência necessária para criar pressão suficiente para enfrentar os poderes tradicionais das áreas em que o movimento atua. Essa potencialização tem seu cerne nos contatos que esses parceiros fizeram, eles atuaram principalmente conectando o movimento e os governos municipais, estaduais e federais, e com outras forças e pessoas de influência.

### **3. Força do movimento**

O “Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco” (MIQCB) tem como característica marcante a força das mulheres que o compõe. Tal força pode ser refletida nas diferentes atividades proporcionadas pelo grupo, que não apenas anseia tirar seu sustento com a venda do coco ou do azeite, farinha e sabonete por ele produzidos.

Pelo contrário, o MIQCB assume principalmente um caráter ideológico, em que se busca a educação e conscientização dessas trabalhadoras rurais. Assim, a união das quebradeiras de coco pode também ser enxergada como uma escola, em que se discute os direitos das mulheres inseridas no universo machista do campo; os direitos do trabalhador rural, pouco valorizado historicamente e nos dias atuais; os direitos pela terra e por uma vida digna, garantida por educação, saúde, renda e moradia de qualidade.

Para proporcionar esses diferentes conhecimentos, o MIQCB promove grupos de discussão nas diferentes comunidades de todos os Estados, liderados pela assessoria e diretoria de cada Estado, que tiveram oportunidade de estudo no ensino superior e acesso a ajuda de professores das diferentes Universidades Federais, que conhecem e apoiam o movimento.

Em relação à discussão de gênero, esta está baseada na desvalorização da mulher no meio rural, que tem como função cuidar das tarefas do lar: limpar a casa, cuidar dos filhos, lavar a roupa e a louça, fazer comida. Ou seja, a mulher não pode proporcionar renda para a família, pois esta é tarefa dos homens, “chefes de família”. Ainda, em muitos casos, as mulheres não podiam nem sair de casa, comprar sua própria roupa, ir ao supermercado, ter um momento de lazer; tudo que envolvia a utilização de dinheiro não fazia parte do universo feminino.

O MIQCB revelou a essas mulheres que a exclusão feminina não existe, o que fez com que a vida das quebradeiras de coco melhorasse muito e elas passassem a ser ativas socialmente e economicamente. No entanto, Rosa, uma das líderes do Maranhão, afirma que o preconceito ainda não acabou, mas que o movimento proporcionou a estas mulheres aprender a lidar com ele, tanto que hoje as mulheres que trabalham quebrando coco conquistaram a autonomia de ir e vir e lidam com atividades que envolvam o dinheiro.

Os direitos como trabalhadoras rurais, por sua vez, não são apenas discutidos; há uma série de “oficinas” proporcionadas pelo movimento que lhes oferece meios de fazer com que a terra se torne cada vez mais produtiva. Um exemplo destas atividades é o projeto “*Agroquintal*”, observado pelos pesquisadores no Piauí, em que certa quantia de dinheiro conquistada pela sede do MIQCB foi empregada a uma família. O objetivo era ampliar a produção e, para isso, foi realizada a construção de hortas, sendo que para que estas não morressem o movimento também atuou na parte técnica e de conhecimento, em que se ensinou a forma de plantar e cuidar de tudo aquilo que fosse produzido.

Tais projetos e discussões em relação ao trabalho no campo são fundamentais, pois este meio não é valorizado e tido como prioridade em ambos os Estados. Tanto que as políticas públicas em relação à agricultura ainda não fortes, mas, sobretudo focadas no crédito ao produtor rural, e não no ensino das técnicas de produção, voltadas à melhor utilização da terra, ao que se plantar em cada solo, ao cuidado que se deve ter com as plantações.

Por fim, a principal discussão do movimento se refere aos direitos sobre a terra; afinal, este se origina na luta pela terra. Apesar dos avanços, esta é uma luta constante, pois o problema é estrutural e reflete a história do Estado do Maranhão e do Piauí, composta pela não e/ou má distribuição de terras. Muitas comunidades ainda não têm o título da terra e vivem como acampadas, o que faz com que isso seja uma



grande vertente do MIQCB, que inclusive, conseguiu reunir um grupo de mulheres para ir ao INCRA no pressionar este órgão que se mantém, no ponto de vista delas, isento dos problemas agrários das regiões.

A pressão que existe sobre o INCRA ocorre também em relação às secretarias municipais, pois se almeja a conquista de políticas públicas que garantam a qualidade de vida nas comunidades: a construção de escolas próximas às comunidades, assim como postos de saúde com profissionais e aparelhos qualificados, melhores moradias e saneamento básico. Para isso, a necessidade de conscientização dessas mulheres, que devem adquirir o desejo por mudança, pelo reconhecimento como cidadã, pois só assim a luta de fato existe e consegue ter força suficiente na conquista de melhorias. O MIQCB, portanto, assume este papel.

O trabalho de conscientização pode ser também visto na questão da sustentabilidade, uma vez que a mudança de hábitos em prol do meio ambiente é também enxergada como melhora na qualidade de vida das quebradeiras de coco. O movimento, portanto, promove oficinas em que se ensina o manejo sustentável do coco babaçu e das plantações, e a formação de hortas orgânicas, em que não se utiliza agrotóxicos. O movimento, assim, se insere nos contextos atuais e isso o empodera, não se encontra parado no tempo e nas preocupações primordiais /básicas.

A força do movimento também é refletida na união que existe entre essas mulheres, ainda que estejam em quatro Estados diferentes, conseguiram criar um sentimento de identidade, de orgulho de ser quebradeira de coco. Ou seja, não há limites geográficos no MIQCB, estes foram ultrapassados e foram importantes para que existissem diferentes olhares e opiniões, sendo estes compartilhados entre os grupos de cada Estado, ocorrendo um intercâmbio de experiências e conhecimentos. Assim, há quebradeiras do Maranhão que vão passar alguns dias em uma comunidade do Piauí, para com ela aprender e posteriormente compartilhar os conhecimentos adquiridos na sua própria comunidade. *“O intercâmbio entre as comunidades é muito importante para trazer o que tem de bom para nossas comunidades”*, afirma uma das quebradeiras da comunidade Boi Velho do Piauí. O fato de o movimento atuar em quatro Estados, portanto, não se torna um problema, mas sim uma forma dele ampliar a sua força e seu reconhecimento.

#### 4. O dia a dia de uma quebradeira

A rotina de uma quebradeira de coco se inicia muito cedo e as atividades terminam ao final do dia. Isto porque as quebradeiras de coco não podem ser resumidas, literalmente, a mulheres que quebram o coco. De fato, as quebradeiras realizam essa atividade, mas acima de tudo, são seres sociais e, por isso, cuidam da casa, preparam o almoço e o jantar, lavam a roupa, educam os filhos, discutem os problemas da comunidade e, em alguns casos, são professoras do grupo.

Ou seja, ainda que quebrar o coco seja uma das principais atividades exercida ao longo da semana, muitas outras revelam o que é ser quebradeira de coco: é ser mulher, ser dona de casa, ser mãe, ser cidadã (preocupação com a comunidade e as políticas públicas), ser educadora.

Geralmente, a rotina de uma quebradeira se inicia com a colheita do coco e termina com a quebra dele, cujo objetivo é retirar o mesocarpo e a amêndoa para a produção do azeite, farinha e sabonete. Nos dias de produção dos produtos citados, há uma divisão do grupo, pois há mulheres que irão trabalhar nas unidades produtivas e há mulheres que continuarão colhendo e quebrando o coco.

Ao longo do dia, no entanto, as atividades relacionadas ao coco vão sendo intermediadas pelo cultivo da horta e o cuidado do galinheiro, pelas atividades na cozinha, pela limpeza das roupas e da casa, pela preocupação com os filhos, sobretudo os bebês e as crianças menores. A rotina, portanto, é corrida e sem muita possibilidade de descanso.

Além disso, é um dia a dia completamente ligado ao ambiente físico natural, e assim, ao sol ardente, no mato alto, no chão de terra, animais ao redor, o banho de rio. Uma vida essencialmente rural. Tal fato, no entanto, não exclui a ida das quebradeiras de coco à cidade; ela ocorre, mas para atividades pontuais e não tão freqüentes, como idas ao banco, ao supermercado e a compras de roupa.

Ainda que a maioria das quebradeiras viva no meio rural, em suas comunidades, não se pode ter apenas essa visão, que as generaliza. Rosa, uma das líderes do Maranhão, tem muito contato com a cidade, não vive mais ao redor do mato, mas sim em uma casa mais distante de sua comunidade. A dupla conviveu com ela durante a primeira semana da pesquisa de campo, no município de Viana, e teve a oportunidade de conhecer sua casa, almoçar lá, conversar com ela em situações mais formais (nas visitas a comunidades) e também mais descontraídas.

Rosa começou a quebrar coco desde cedo, é fruto da geração de quebradeiras de coco assim como a maioria das mulheres. Para ela, quebrar o coco revela a força feminina, que lida com todas as condições ambientais adversas e com a casca dura do Babaçu. Hoje, não mais vive no seu grupo de quebradeiras, mas isso não a fez parar de quebrar o coco e de ir às comunidades mais de uma vez por semana. Ou seja, ela é quebradeira de coco, é mulher da comunidade, mas também a mais ligada à cidade, cuja essência rural, no entanto, permanece.

Rosa possui a própria horta na sua casa, de onde tira todo seu sustento alimentar e, inclusive, possui todo conhecimento de produção das plantações, galinha e açude. Durante o dia, cuida dessa horta, faz o almoço para as netas que vivem com ela, vai às comunidades conversar e ajudar a quebrar o coco, resolve assuntos no banco, discute os problemas das comunidades com a assessoria e a sede do MIQCB, entre outros.

A abrangência do cotidiano e identidade das mulheres, portanto, fazem parte do grupo das quebradeiras de coco.

Além disso, o dia a dia da quebradeira de coco pode ser enxergado sob o ponto de vista das comunidades tradicionais. Em uma conversa no município de Pedreiras (MA) com Noemi, antropóloga da Universidade Federal do Pará, a concepção de tradicionalismo foi exposta e muito revelou sobre a vida das quebradeiras de coco. O conceito de tradicional, ligado a essas mulheres, diz respeito à liberdade. Na verdade, é a tradição de serem livres, não mais ligadas a um patrão, capazes de produzirem por si só novos conhecimentos e realizarem descobertas que ampliem sua qualidade de vida. Cotidiano, portanto, que explora ao seu redor e oferece novos meios de realizar atividades, de viver.

## **5. Movimento no Maranhão e Piauí**

A pesquisa de Campo foi realizada nos Estados de Maranhão e Piauí, nos municípios de Viana e Pedreiras (MA) e Esperantina (PI). A dupla conviveu durante uma semana em cada um destes municípios, e ao fim do trabalho pôde-se notar diferenças significativas entre as quebradeiras e estrutura das comunidades dos dois Estados.

A primeira semana de trabalho ocorreu em Viana, município extremamente pobre e onde se visitou uma unidade produtiva de sabonete no primeiro dia e nos

demais, duas comunidades, uma muito distante, em que se precisou andar de canoa e carro de boi para chegar, e outra de identidade quilombola. Todas as visitas foram acompanhadas pela assessora do MIQCB deste município, Ariana.

Na primeira comunidade visitada em Viana, a mais distante, a dupla pôde, de fato, imergir no universo rural, pois esta era de difícil acesso e afastada da sede do município. O espaço era muito grande, marcado pelo chão de terra batida, pela enorme plantação de arroz e pelas casas de pau a pique com telhado de palha. No entanto, ainda que rudimentar, a comunidade possuía uma pequena unidade produtiva, de alvenaria e coberta de azulejo branco, e na qual se produzia azeite. Grande parte da produção, no entanto, é realizada nas próprias cozinhas das comunidades, caracterizada por uma haste de madeira, o teto de palha e o fogão de cimento. Uma produção, de fato, bem rudimentar.

Por outro lado, no Piauí, na primeira comunidade visitada pela dupla, já se notou uma diferença muito grande nos ambientes de produção e na própria composição física da comunidade. A comunidade possuía uma unidade produtiva muito maior, com fornos especializados, própria para a realização do mesocarpo e azeite. Ou seja, era uma produção mais profissional e que, inclusive, já havia sido vistoriada pela vigilância sanitária. Em relação ao ambiente, este era muito menor, não isolado (demorava por volta de meia hora para chegar à comunidade), com casas de alvenaria, muito mais equipadas em seu interior (móveis e utensílios).

Em Viana, a dupla teve a oportunidade de passar o dia todo na comunidade, almoçar com as quebradeiras, e promover uma roda de discussão. Na roda, cada quebradeira pôde contar sobre sua história, sua identidade, e ficou claro que a essência da quebradeira de coco vem de geração em geração, é uma identidade coletiva e ao mesmo tempo construída de família em família, pois os conhecimentos e sentimento de grupo são transmitidos de geração a geração. “Desde que eu nasci, eu me entendi já nele” - diz uma das quebradeiras da comunidade à respeito do trabalho de coco. Além disso, ficou claro que o modo de vida dessas mulheres está muito ligado ao seu esforço e coragem, à sua vontade de lutar pelos seus direitos como agricultoras, mulheres, e cidadãs: “O principal que nós temos é a força de vontade de vencer”, afirmou a líder Nazaré.

Já em Esperantina, município mais desenvolvido quando comparado a Viana, na comunidade de Fortaleza, o que mais chamou a atenção do grupo foi a infraestrutura apresentada: as casas não eram de pau a pique, mas sim de tijolo; o acesso

era muito mais fácil, o que facilitava o acesso dos filhos dessas quebradeiras às escolas; a unidade produtiva era grande, higiênica, mais moderna e equipada. Assim, com a mudança de cenário, o principal foco nesta comunidade foi entender como conseguiu tantos avanços e ter maior capacidade produtiva. Descobriu-se então, que o motivo principal dessa comunidade estar “à frente”, era a consciência da não dependência do MIQCB como a única fonte de dinheiro para realizar os projetos idealizados, ou seja, muitos dos projetos elaborados em Esperantina pela assessoria, no caso, a Aline, eram enviadas para outras diversas fontes, que poderiam oferecer os recursos necessários com a aprovação do projeto. Entre elas, Fundação Banco do Brasil.

Não mais em relação a uma comunidade específica do Maranhão e Piauí, mas às comunidades destes Estados como um todo, a dupla pôde observar diferenças significativas em relação ao cenário histórico da região, a influência que isso causou nas quebradeiras e na visão que a assessoria e algumas quebradeiras têm das unidades produtivas, responsáveis por agregar valor ao coco Babaçu.

Em relação ao Maranhão, a questão agrária é marcante na vida das quebradeiras e ainda muito influente, o que faz com que a luta continue com intensidade e seja um dos principais assuntos das comunidades. Isto porque os casos de terra cercada por fazendeiros são significativos e fazem parte da personalidade do grupo do Maranhão, que batalha desde sempre pela conquista da terra, pelo reconhecimento da posse de suas terras. Isso proporciona um sentimento de instabilidade, de perda de identidade, já que a terra é essencial e indispensável para que o modo de vida da quebradeira exista. Assim, a necessidade de se estabelecer em um lugar próprio, se fixar em um terreno tendo a certeza que esta faz parte da vida da comunidade é o grande anseio nos municípios que a dupla visitou no Maranhão. *“Antes fazenda não era de gado, fazenda era de gente”*, diz Rosário, na sede do MIQCB no Maranhão.

No Piauí, a questão da terra também é fundamental, afinal, reflete a essência das quebradeiras de coco e a formação do MIQCB. No entanto, o que mais chamou a atenção da dupla e que acabou sendo mais explorado é a produção de azeite, farinha e sabonete feitos pelo coco Babaçu. No Piauí, o foco na produção é muito maior e, assim sendo, há mais unidades produtivas e mais quebradeiras que reconhecem a importância de agregar valor ao coco para que se atinja uma melhor qualidade de vida. Assim, um dos grandes objetivos das mulheres de muitas comunidades é

conseguir com que mais delas trabalhem nas unidades produtivas, o que não é fácil, pois muitas acreditam que o esforço é muito maior do que o retorno.

Um fator que contribui para este foco é o fato do problema agrário estar mais ameno na região, uma vez que há dez anos o movimento conseguiu conquistar assentamentos, junto com a Igreja Católica e o Sindicato. O problema não foi integralmente resolvido, “mas está mais calmo hoje em dia”, diz Aline, assessora da regional de Esperantina. Além disso, a assessoria formou uma visão e consciência que ainda não faz parte da realidade do Maranhão: a de “negócio”, de enxergar a produção com potencial de expansão e muito mais vendas, para garantir assim, um aumento de renda significativo para as quebradeiras. Não que no Maranhão não se queira aumentar a renda das comunidades de lá por meio dessa produção, mas o desenvolvimento dessas atividades ainda é aquém quando comparado ao Piauí.

## **6. Movimento antes e depois**

Enquanto Movimento social, O MIQCB tem sua história marcada de acordo com as várias lutas em que se engajou. Essas mudaram muito nos últimos 40 anos não por terem sido perdidas, mas sim por terem sido ganhas. Sua primeira grande batalha, relacionada principalmente ao acesso à terra, tomou duas grandes frentes. A primeira, a reforma agrária, foi repleta de invasões, protestos, assassinatos e violência. O movimento nessa época, portanto, demandava muita organização e coesão. Do lado das quebradeiras, era preciso comunicação intensa entre as comunidades para organizar protestos e invasões, que era feita pelas líderes a pé ou de bicicleta. Do lado da alta gestão e relacionamento com os governos municipal, estadual e até nacional, a situação exigiu do movimento líderes extremamente carismáticas e comunicativas, que com seu alto poder de convencimento conseguiam angariar apoio para suas causas. Em grande parte esse apoio foi dado pela Igreja Católica ou Pelo MST, devido à confluência de objetivos. Esses parceiros foram fundamentais para conseguir juntar força suficiente para pressionar governos e conseguir resultados.

As lutas pela terra foram em grande parte vencidas, principalmente fora do Maranhão. Já nesse estado esses impasses não se resolveram tão rapidamente em grande parte devido à falta de documentação da terra. Lá, a maioria das terras não tem só um dono no cartório, são regiões com dois, três, até quatro “andares”- fato que impossibilita o INCRA ou qualquer entidade governamental de saber se as terras são

produtivas e se podem ser desapropriadas ou não, além de impedir que essas entidades paguem o por esses bens.

A segunda grande frente foi a lei do livre acesso ao babaçu. Essa lei tem seu principal argumento no fato de que os babaçuais não são plantados (o babaçu é uma planta nativa que se reproduz naturalmente) e, portanto, não podem ser considerada propriedade de nenhum Estado ou pessoa, mas sim da união. Essa lei demandou das gestoras do movimento conhecimentos jurídicos e um poderoso *networking* que fez possível a aprovação dessas leis.

Os impasses para aprovação dessas legislações também foram majoritariamente vencidos pelo MIQCB, são poucos os municípios que ainda não a aprovaram. Segundo "Dijé", a atual coordenadora geral do movimento, as várias viagens das líderes do MIQCB à Brasília com intuito de pressionar o MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário) e o MMA (Ministério do Meio Ambiente), foram fundamentais para que o apoio a essas leis viesse dos altos cargos públicos para os governos municipais e as forças políticas contrárias aos ideais do movimento cedessem.

A partir do momento que essas lutas se resolveram, pelo menos em sua maioria, o MIQCB viveu um momento de desengajamento e de busca por novas lutas. As mulheres, antes engajadas, bravas e motivadas, agora estavam satisfeitas com as terras que tinham ganho não tinham mais tanta motivação para lutar – diz uma das gestoras do movimento. Nesse momento o movimento começa a se organizar para criar novas lutas, e a partir daí se planejou as novas frentes do movimento: o aumento de renda e o feminismo.

Antes muito ocupado com a luta pela terra e pela aprovação da lei do babaçu livre, após as conquistas (que não foram totais, ainda há conflitos de terra e esforços para que as leis do babaçu sejam cumpridas), o MIQCB passou a ter tempo e recurso suficientes para expandir suas lutas para melhorar as outras frentes da vida da mulher no campo. O feminismo e a aplicação dele no dia a dia dessas mulheres passou a ser prioridade. Para que isso pudesse se realizar, o movimento precisou de líderes comunitárias extremamente preparadas e com um discurso muito consistente para se impor e ganhar apoio das outras mulheres da comunidade, fato que demandou muito treinamento dentro do próprio movimento. Esse, por sua vez, se tornou mais horizontal em seu organograma, apesar de o poder continuar concentrado na diretoria.

Na frente do aumento da renda das famílias, o movimento buscou doações de entidades internacionais para construir pequenas agroindústrias de processamento das diferentes partes do coco babaçu dentro das comunidades. Essa nova frente criou cooperativas dentro das comunidades, esses empreendimentos são gerenciados e operados pelas quebradeiras das próprias comunidades, e algumas cooperativas abrangem mais de uma comunidade, como por exemplo, a COPPALJ. Essa nova perspectiva trouxe uma nova realidade de busca de doadores internacionais, que doam maiores quantias mas também fiscalizam mais. Nesse sentido, foi necessário que o movimento trouxesse pra dentro de si pessoas mais qualificadas. Isso tem trazido, de um modo geral, uma “nova cara” para o movimento, que deixa de ser só político, mas passa a interferir diretamente na renda das famílias (agora não mais com terras). O movimento entrou no dia-a-dia da quebradeira, e agora luta pelo acesso a programas e políticas públicas, luta pelos direitos da mulher, pelo acesso à educação e à saúde.

## **7. Relação do movimento com Governo**

A Relação do MIQCB com o Governo pode ser interpretada de uma maneira mais formal, a qual envolve a participação destes nos programas governamentais, tais quais: Programa de Aquisição de Alimentos (PAA); Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE); Programa Nacional de Agricultura Familiar (PRONAF); Política de Garantia de preços Mínimos para Produtos da Sociobiodiversidade (PGPM-Bio). Mas também pode ser enxergado sob o aspecto social, de pressão, luta e busca de uma política pública que atenda, represente e garanta uma vida digna para esse grupo de mulheres e suas famílias.

Em relação à primeira forma de relacionamento, pode-se afirmar que esta foi sendo consolidada ao longo dos anos, em que o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco ganhou corpo e nome, e conseguiu forças suficientes para expor os problemas das comunidades: o que faltava e quais as necessidades primordiais que não estavam sendo atendidas. Uma vez que há programas do Governo, sobretudo referentes ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, que lidam com pobreza rural, e as quebradeiras de coco se inserem neste cenário, pode-se enxergar o MIQCB como uma Organização que passou a também aderir tais “projetos governamentais”, que, no entanto, tem uma função maior (MACRO), de lidar com todo o contexto rural, marcado pela negligência e pobreza.



O PAA, por sua vez, é um programa muito forte, e que atende as quebradeiras, sobretudo do Estado do Piauí (Esperantina), no qual se vende para o Governo o excesso de produção das hortas e plantações criadas com o intuito da subsistência. Assim, cheiro verde, cebola, batata, abóbora e outros, são vendidos, sendo que seu destino final é para comunidades mais carentes. Já o PNAE, é um programa destinado para as merendas escolares, em que 30% da verba oferecida para o Ministério da Educação devem ser destinadas para a compra de alimentos provenientes dos pequenos agricultores. Atualmente as quebradeiras, no entanto, ainda que tenham se inscrito no programa, não conseguem atendê-lo, pois a quantidade de produção necessária é muito grande, superior a que realizam, e o azeite por elas produzido é muito caro em relação ao preço médio do mercado, o que dificulta a venda.

O PRONAF é um sistema de subsídios oferecido para os trabalhadores rurais, e, portanto, para as quebradeiras de coco. Assim, é uma forma dos moradores acessarem o crédito com finalidade de ampliar o Marketshare da agricultura familiar no mercado de alimentos. Acessoria técnica, diferente do que é prometido, não se faz presente no planejamento, na plantação, na manutenção nem na colheita da produção – falha marcante do programa, que tem implicado na má utilização desses recursos. Ou seja, o programa, que tem três pilares principais (fornecimento de crédito, acompanhamento técnico, e compra da produção), consegue desempenhar de fato apenas duas dessas atividades. Isso na prática significa que as quebradeiras, assim como os demais trabalhadores rurais, podem obter o crédito, mas enfrentam dificuldades agudas no que tange técnicas de produção agrícola que viabilizam a sincronia entre as necessidades de compra do governo e as capacidades de produção.

Por fim, o PGPM-Bio é um programa essencial para todas as quebradeiras de coco. Isso porque ele é responsável pela maior possibilidade de comercialização do coco Babaçu tendo em vista que o preço mínimo do coco é 1,80 reais, e se ele for vendido por menos, o governo cobre essa diferença. Vale ressaltar que é um processo que envolve notas fiscais e burocracia, sendo crucial a presença de profissionais especializados, por exemplo advogado e contador, os quais estão envolvidos no MIQCB.

A segunda forma de relacionamento das quebradeiras de coco com Governo se insere no contexto de cidadania, em que essas mulheres são socialmente ativas, já que pressionam os ministérios e governos como quebradeiras, mas, sobretudo, cidadãs,

dotadas de direitos, desejos e liberdades. Em Viana, no Maranhão, por exemplo, tal relação foi explicitada em conversa com o Secretário da Agricultura, em que a assessora regional, Ariana, pressionou o secretário a respeito das feiras de venda dos produtos comercializados pelo movimento: tanto a cobrança como a necessidade eram extremas.

Assim sendo, ainda que participem dos programas governamentais, estes não são suficientes para suprir as necessidades do grupo, e para lhes proporcionar bem estar. Uma política de fato voltada para o campo, em que se considerem os direitos dessas mulheres, sobretudo de moradia e saúde, é primordial, e de consciência da maioria das quebradeiras, que se unem e lutam por isso.

## **8. Possibilidades para o MIQCB**

Enquanto classe, as quebradeiras de coco têm que garantir sua reprodução e a transmissão de sua cultura, de seus valores e de seu modo de vida para que esta não acabe. Com o surgimento do MIQCB, difundiu-se a idéia de classe entre as quebradeiras de coco, por terem posições sociais, cultura, valores e modos de vida extremamente parecidos nos quatro Estados em que elas se encontram. Antes disso, elas se viam e se intitulavam apenas como trabalhadoras do campo. A partir do momento que o conhecimento de grupo foi transmitido nas várias comunidades que o movimento atua, criou-se coesão entre essas mulheres, coesão esta gerada pelo sentimento de pertencimento, fruto da atuação e trabalho do MIQCB. Entretanto, o problema que mais ameaça esta organização e, portanto, as quebradeiras enquanto classe unida, é a perpetuação do Movimento. O êxodo rural é algo que vem ocorrendo nas últimas décadas, e um dos fatores de grande preocupação o movimento.

Nesse sentido, o MIQCB também enfrenta o desinteresse das jovens em serem quebradeira de coco. As mães do movimento encontram dificuldade em transmitir a cultura de quebrar o coco, os conhecimentos tradicionais e a cultura organizacional dessa instituição para seus filhos. Essa dificuldade, segundo as próprias quebradeiras, tem uma grande causa: a entrada da televisão no campo – a nova geração, criada em frente a uma tela onde o “mundo Disney” era imposto como realidade, desenvolveu valores diferentes dos de suas mães. Isso gera, nos jovens, um choque de princípios e valores entre eles e as comunidades tradicionais de que são provenientes. Essa nova geração é também caracterizada por pensar de modo similar ao da população urbana,

na qual o capitalismo flexível e seus valores já estão internalizados, e por isso valorizam o crescimento econômico, a ascensão social, a ambição e os bens materiais.

Dessa maneira, é observado o êxodo rural massivo protagonizado por esses jovens, que migram para o Sul em busca de trabalho (geralmente na construção civil) e voltam para casa de dois em dois anos, aproximadamente. No geral, essa população não mais se vê trabalhando e vivendo no campo, em parte por os salários serem muito superiores no Sul e Sudeste, em parte por não terem ligação estreita com a terra. Há, entretanto, uma exceção - os alunos das EFA's - Escolas Famílias Agrícolas - as quais explicitam para o aluno perspectivas de crescimento no campo e a possibilidade de se criar um negócio rural. A iniciativa é governamental, o objetivo é contra atacar o êxodo rural, já que possibilita a geração de dinheiro no ambiente rural. Além disso, o MIQCB também desempenha trabalhos que têm por objetivo aproximar os jovens da comunidade e da identidade de grupo.

Por outro lado, uma perspectiva positiva do futuro do movimento é a criação de uma cooperativa, formada pelas quebradeiras de coco, que vende os produtos extraídos do coco Babaçu. Uma das bases do MIQCB são as associações comunitárias que o próprio movimento ajuda a criar. Segundo um dos funcionários do "Centro dos Cocais", o primeiro passo de organização de uma comunidade é a associação. Quando essa encontra maneiras de criar coesão entre o grupo e bem organizá-lo, se torna possível criar uma cooperativa - associação com fins lucrativos. O MIQCB tem tentado criar cooperativas de diferentes maneiras, tanto dentro de comunidades (Esperantina, PI) como entre várias comunidades, como é o caso de Pedreiras (MA). As cooperativas dentro das comunidades são criadas para facilitar a operação das unidades produtivas financiadas pelo MIQCB, ou outro órgão de processamento da castanha do coco babaçu, seja para fazer óleo, azeite ou a farinha do mesocarpo.

Estas cooperativas, entretanto, ainda não possuem base e estrutura para serem criadas. Em conversa com a irmã do ex - prefeito do "Centro de Cocais", Lima, a dupla conseguiu enxergar e compreender a dificuldade do MIQCB em criar cooperativas e fazer com que estas funcionem e se perpetuem. Durante a entrevista, foi explicitado a história das quebradeiras de coco, que sempre viveram sob um chefe, e, portanto de maneira submissa. Tal condição faz com que o trabalho em grupo seja dificultado, já que a história por elas vivida cria um sentimento individualista, de aversão ao compartilhamento de bens. As quebradeiras sempre viveram sob ordens e

mandato de alguém, quando há a possibilidade de autonomia, de agir por si só, tal ação não ocorre naturalmente, se constituindo em algo que deve ser construído por elas. Por isso, há necessidade de promover ações que as façam desenvolver habilidades de grupo, independência, e sentimento coletivo. O MIQCB entra como fonte crucial para esses conhecimentos.

Se de um lado as quebradeiras afirmam que não há demanda por seus produtos, que os clientes, inclusive o governo, acham o óleo e o azeite muito caros, que o mesocarpo encontra problemas sanitários de comercialização, do outro, as secretarias de educação municipais explicam que as próprias quebradeiras não se inscrevem nos programas (PAA e PNAE) para que seus produtos sejam comprados, e, as vezes, a própria prefeitura que tem interesse nesses produtos, não consegue comprá-los devido à produção que não é suficiente ou à estrutura da produção, que é muito pulverizada. Assim, as unidades produtivas, em sua maioria, não conseguiram criar uma rede de clientes significativa. Isso está atrelado ao fato de as mulheres da comunidade não usarem estes centros produtivos todos os dias, fazem o processamento uma, duas, no máximo três vezes por semana, o que não garante produção constante dos derivados do coco babaçu.

Dessa maneira, o desafio aqui é organizar os seguintes fatores: produção, transporte, e prospecção de clientes. O modo de produção e a tecnologia que esse demanda já são do domínio do movimento. Para fidelizar clientes, é preciso que a produção seja mais previsível e tenha ritmo mais constante - as unidades produtivas funcionam poucas horas por semana e sua produção varia muito. No que tange transporte, é preciso que os escritórios regionais organizem as diferentes unidades de produção dentro de seu território para que quantidades maiores sejam transportadas, e que alugueiros de caminhões se façam proveitosos. Em relação a prospecção de clientes, é imprescindível o esforço da organização de espalhar sua marca e seus produtos, para que os investimentos das entidades doadoras tenham o retorno esperado e essas o vejam e continuem doando recursos. Assim, as vendas precisam ser estruturadas de maneira fixa, de modo que os clientes tenham segurança de que suas demandas serão atendidas, e que esses podem confiar na capacidade de produção do movimento. Caso se crie um cenário de possibilidade de desenvolvimento para as cooperativas, ou seja, um cenário economicamente viável com quebradeiras mais atreladas aos conhecimentos, sentimentos e valores necessários para se administrar a fonte de renda que essa cooperativa pode ser, o MIQCB desempenhará sua função de

atenuador da pobreza rural com eficiência. Assim, num panorama geral, o grande desafio do movimento é garantir as condições necessárias para a criação e administração de cooperativas.

## **9. Observações finais**

Ao decorrer do relatório procurou-se abordar o “Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu” de forma a posicioná-lo em um contexto regional e histórico muito específico, que estão inseridos no cenário macro da pobreza rural e do modo de vida das populações tradicionais nesse meio. Além disso, se procurou não definir um perfil das quebradeiras de coco, sendo estas enxergadas como seres sociais, repletos de facetas.

Uma vez abordado o tema de pobreza rural, o MIQCB pode ser enxergado como uma forma de atenuar esta condição, mas não combatê-la e erradicá-la. O movimento surge como uma possibilidade do campo ganhar voz, ganhar corpo e força, e emergir como um meio atuante, que luta pelos seus direitos e necessidades. Assim, o MIQCB entra como uma forma de organizar essas mulheres, dotá-las de conhecimento para que elas por si mesmas possam exigir o que querem, serem independentes de qualquer organização política não protagonizada por elas mesmas.

Além disso, o movimento por meio de parceria com universidades, relacionamento com órgãos públicos, e outros parceiros é um grande provedor de conhecimento, sendo este um dos primeiros passos para se diminuir a pobreza - “conhecer é poder”. As quebradeiras de coco, de ambos os Estados, inclusive reconhecem isso no MIQCB, e muito valorizam, tanto que na maioria de suas frases afirmam que o movimento lhes trouxe informação, conhecimento, consciência da realidade em que se inserem, marcada pela desvalorização, submissão, machismo, pobreza (..).

No entanto, o conhecimento e contato com a realidade urbana, proporcionados pelo MIQCB podem ser também enxergados sob outro viés. Ao obterem informações e estudos, as quebradeiras de fato, conseguem lutar pela sua sobrevivência, mas também passam a ser mais críticas, e mais ávidas por melhores condições de vida e ascensão social. Isso porque, o contato com a pessoa estudada, que possui um padrão de vida muito superior, desperta o desejo de ser igual, de ter as mesmas condições de

vida, e de inclusive, consumir mais bens materiais, convivência essa que pode levar as quebradeiras a enxergarem sua realidade, de população tradicional que é, de maneira pejorativa.

Tal condição por elas observada, portanto, pode ser analisada como um grande causador do êxodo rural, um grande desafio com que o MIQCB tem que lidar. Isso porque, a cidade é vista, e de fato é, como a forma de se conquistar uma melhor posição social, de ter dinheiro, e adquirir bens materiais, mas também direitos, pois a saúde e educação de qualidade são privadas. Sair da condição de miséria e ou pobreza, é enxergada como sinônimo de ir para cidade, de experimentar uma vida que fuja da realidade por elas vivida no campo. Assim, ao mesmo tempo em que o MIQCB aproxima essas mulheres dessa realidade de mais conforto material, ele não convence, apesar de tentar, que é possível se gerar riqueza e conforto material no campo.

Ou seja, o movimento une, cria reuniões, debates e discussões sobre o que é ser quebradeira, sobre direitos, sobre sustentabilidade, sobre novas formas de se produzir, sobre assuntos escolares, sobre política e outros, mas também ao fazer isso, cria consciência para essas mulheres da situação em que vivem, e as permitem comparar tal modo de vida com o que se tem lá fora, em que a pobreza e a miséria não são características marcantes. Isso desperta a vontade de ir para o meio urbano, de experimentar uma vida mais confortável e repleta de estudos, o que faz com que o movimento se desuna, e ganhe como desafio a atratividade das quebradeiras de coco, que possuem uma identidade e devem se permanecer unidas para lutar por ela. Movimento portanto que une, e desune.

Assim sendo, no cenário atual, a grande dificuldade do MIQCB é de restaurar a força do movimento, de criar coesão entre essas mulheres, de mostrar que o campo como uma possibilidade e emergir economicamente, e, portanto demonstrar que o Movimento é uma forma de se ascender socialmente, de se ter mais força econômica, e que isso não é possível na cidade apenas. Tanto que, se idealiza a criação das cooperativas, organizações que se concretizadas, são formas de garantir maior qualidade de vida no meio rural. Além disso, não basta criar formas de ascender economicamente sem se restaurar o sentimento de grupo, de única identidade para as quebradeiras de coco. Apenas com esse sentimento se cria as condições necessárias para se construir cooperativas e para perpetuar o trabalho do MIQCB, de empoderamento dessas mulheres rurais, dotadas de força, atitude, e espontaneidade.

